Serie II — Anno I — Numero 8 — 22 de novembro de 1906

A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos mesmos trabalhadores.

O CHAPELEIRO

A exploração capitalista está baseada sobre a ignorancia e a união dos trabalhadores.

Orgam do Secretariado Nacional dos Chapeleiros no Brasil

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á SÉDE DO SECRETARIADO: TRAVESSA DA SÉ, 2, 1.º — São Paulo (Brasil)

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

A GREVE DA CASA JOÃO ADOLFO SCHRITZMEYER & C.

Desde 1851, anno em que foi fundada esta casa, no tempo do velho João Adolfo, os operarios desta fabrica nunca tiveram razão de queixa quanto aos salarios, caprichando mesmo o fallecido João Adolfo em pagar mais do que nas outras fabricas.

Quando o velho industrial se retirou da fabrica, sucedeu lhe seu filho, Daniel Schritzmeyer, actual proprietario, e os operarios começaram a ter que reclamar muitas vezes quanto aos salarios, fazendo o sr. Daniel ouvidos de mercador e procurando explorá-los o mais passivel, tanto que esta é já a segunda greve que o sr. Daniel povocou.

Foi em 1896-97 que se declarou a primeira greve feita naquella casa; mas devemos registrar que foi um passo em falso, porque os operarios, antes de saír, não repararam em que precipicio poderiam caír, estando naquelle tempo o sr. Nhônhô abastecido de chapeus suficientes para resistir á greve durante quatro ou cinco meses: tinha um deposito de quarenta mil chapeus.

Devemos tambem fazer notar que nesse tempo não havia uma associação forte como a actual. Havia simplesmente uma associação que se intitulava *Associação Cosmopolita dos Chapeleiros em geral*, e que servia para os socorros mutuos, sendo porém federada internacionalmente.

A greve foi apoiada por outra associação — *Centro dos Chapeleiros*, que não aderia á federação internacional, porque para isso era necessaria a Federação Brasileira. Esta associação era desprovida de meios para sustentar os mesmos grevistas, os quaes, assim, após três longos meses de luta, foram obrigados a submeter-se ao negreiro industrial. Deveriamos fazer aqui algumas considerações, mas deixamo-las para o proximo numero.

Desta vez, porém, já nós não estamos em frente de todos esses obstaculos: podemos dizer que os grevistas deram o golpe como esgrimistas consumados. No dia 6 de setembro do corrente anno, os operarios do estabelecimento de que nos ocupamos declararam-se em GREVE, quando o sr. Nhônhô se achava bem desprovido de chapeus, tanto em branco como em negro, e pensaram que o senhor Nhônhô não devia tardar em chegar a um pequeno acordo. E depois, desta vez, o sr. Nhônhô podia ter fechado o estabelecimento por tempo indeterminado, porque nenhum delles morreria de fome. Tendo os grevistas conquistado uma certa simpatia entre o publico, ninguem lhes recusaria um pão, caso a nossa associação não pagasse o subsidio.

Mas apenas começada a greve, votou a associação uma ordem do dia no sentido de ajudar moral e materialmente os paredistas, dando-lhes 80 por cento dos seus salarios. A decisão foi cumprida até hoje.

Francisco Sarno

Reproduzimos aqui a fotografia do famigerado canalha FRANCISCO SARNO traidor na greve de Matanó Sericchio & C.ª, traidor na greve geral da Paulista (então trabalhava na casa Evangelista, Cervone & Irmão), e nesta greve, elegendo-se a si proprio chefe para depois sujeitar-se ás injurias do sr. Nhonhó, ganhando nessa casa a miseria de 3$000 por dia, ao passo que a nossa sociedade lhe dava 5$000.

Este pouco escrupuloso individuo soube, depois de tudo, apropriar-se de 49$200 reis que a Commissão Administrativa em presença de testemunhas lhe tinha confiado para entregar 32$600 a sua prima Filomena Sarno e 16$600 reis a Nicola Augello: isto constituiria materia que devia interessar a policia, que não terá grande difficuldade em achar o seu retrato nas galerias da Central. Mas hoje é protegido pelo sr. Nhonhô e pela propria policia.

Durante uns bons dois meses, as coisas correram ás mil maravilhas, aclamando os paredistas a greve cheios de entusiasmo e andando nós todos satisfeitos. Todos os dias, rareavam as filas dos grevistas, que achavam trabalho em outros logares, tendo nós a boa fortuna de ser o corrente um anno de muito serviço.

No dia 29 de outubro recebemos uma carta do proprietario da fabrica, mas, como não vinha assinada, a Comissão Administrativa não queria reconhece-la. Crendo que fosse para nos armar um laço, escolheu uma comissão de três comp., Telemaco Rizzi, Ferruccio Bertacchi e Natale Baldi, para que fosse perguntar ao sr. Jorge Schritzmeyer, filho do sr. Daniel, se aquella carta era enviada por seu pai.

Entrevista

Na manhã de 1 de novembro, a citada comissão foi amavelmnte recebida. Logo que entrou, a commissão apresentou a carta, da qual o sr. Jorge explicou as menores particularidades, dizendo que ella era a reproducção exacta da que o seu pai enviara, tendo sido elle proprio quem ordenara a um dos empregados que tirasse uma copia para no-la mandar.

A comissão pediu ao sr. Jorge que fizesse assinar a carta, para que fosse reconhecida, tendo a mesma comissão que dar contas do seu encargo a 400 socios.

O sr. Jorge, a principio, recusava, dizendo não ter ordens do seu pai; mas a comissão pediu-lhe que fizesse uma pequena declaração no fim da carta, ao que elle acedeu.

A comissão perguntou depois ao sr. Jorge se fôra elle quem mandára chamar o Sarno: respondeu que não. E acrecentou que o Sarno, tendo-se encontrado no dia anterior com o sr. Lourenço, dono duma venda na ladeira do Piques, junto do muro do cemiterio velho, perguntou-lhe se podia falar com o sr. Jorge ou com Isidoro Lima, respondendo-lhe Lourenço que melhor seria falar ao primeiro, visto não ser Isidoro proprietario da fabrica. Sarno perguntou depois se Jorge Schritzmeyer podia recebe-lo, porque tinha muitas coisas que lhe comunicar; o sr. Jorge, por intermedio de Lourenço, disse-lhe estar pronto a recebe-lo. Mas á data da entrevista com a comissão ainda não o tinha visto. Sarno fizera-lhe saber que tinha á sua disposição 30 operarios, que romperiam todos os laços com a associação.

Não sabemos que especie de laços elles tinham com a nossa sociedade.

Falando, depois, da greve, o senhor Jorge disse que seu pai reabriria a fabrica no dia 5 de novembro, nas mesmas condições anteriores, sem nenhuma modificação. A comissão disse ser facil chegar a acordo, sendo pequena a diferença entre a tabella velha e a nova; mas nada se decidindo, despediu-se ás 11 h. e 20 m.

Abaixo reproduzimos a carta acima mencionada:

« Em vista de pedidos de trabalho para empregados que não têm encontrado logar em outras casas, resolvi abrir de novo a Fabrica no dia 5 de novembro proximo, recebendo indistintamente todos aquelles que se apresentarem.

Mantenho, outrosim, sem quaesquer modificações, os habitos e costumes que existiam antes do dia 6 de setembro ultimo. Se por ventura quando começar o trabalho houver qualquer coacção em frente ao portão ou nas immediações da Fabrica, que tenha por fim forçar os empregados a não vir ao trabalho, declaro solenemente que tornarei a fechar a Fabrica e por tempo indeterminado.

S. Roque, 28 — 10 — 906.

A copia acima está igual ao original, firmado por meu pai.

JORGE SCHRITZMEYER ».

Alta traição

Chamamos a atenção dos leitores para o facto de se ter declarado, elle proprio, chefe da greve, um moço de verdes annos. Este individuo, *Francisco Sarno*, parecia o mais entusiasmado, um homem consciente.

Nós sabiamos que este reptil venenoso tinha já sido furagreve na greve de Matanó & Serricchio. Quando a nossa associação deu a amnistia aos crumiros, fez-se socio, esperando conquistar a simpatia entre nós. Trabalhou na fabrica Evangelista, Cervone & Irmão, mas ali quasi ninguem gostava delle. Sabia-se o seu passado de traidor e passador do conto do vigario, já uma vez preso na Luz, muito conhecido da policia, que hoje o protege (viva a republica!). Foi depois crumiro na fabrica Evangelista Cervone durante a greve na Paulista, na greve geral.

Pouco depois desta greve, saiu da citada casa e entrou na fabrica João Adolfo. Aqui os companheiros não o conheciam. Começou a arranjar simpatias, apresentando-se como revolucionario e dizendo que saira da fabrica Evangelista para ir fazer propaganda na fabrica João Adolfo. Os companheiros não viram que a traição estava na alma deste cretino, do qual veio o golpe mais fundo na actual greve.

Na noite de 23 de Outubro, Sarno apresentou-se á Com. Adm., dizendo que o sr. Jorge Schritzmeyer o mandára chamar naquelle mesmo dia, deixando o recado á sua familia. A Com. Adm., não sabendo de que se tratasse, disse-lhe que fosse e que, se o sr. Jorge falasse da greve, escrevesse uma relação do que se passasse entre ambos. Sarno, ao mesmo tempo, declarou que partiria no dia 27 para o Paraná e que precisava de dinheiro. A Com. Adm. respondeu que não podia fazer nenhum pagamento antes que aos outros, que o dinheiro estava nas mãos do tesoureiro e que sem ordem da assembleia geral, nada podia fazer a Comissão. O 2.º secretario, tendo recebido um vale de 48$000 reis, ofereceu-lhe este dinheiro, que elle recusou. Queria colher-nos na rêde, mas nós desconfiámos, não nos deixando cair ingenuamente, e agora sabemos qual era o seu plano.

Por fim decidiu partir no dia 3 ou 4 de novembro; mas precisava de 30$000 para despachar a bagagem. A Com. Adm. resolveu dar-lh'os e o 2.º secretario Ferruccio Bertacchi entregou-lh'os no dia 25, na praça da Republica, em presença de duas testemunhas, Manuel Paulino dos Santos e Zaira Paula da Costa. Este dinheiro, em vez de servir para despachar a bagagem, foi gasto na pandega.

Voltemos um pouco atrás. No dia 24 de outubro, Sarno referiu á Com. Adm. o coloquio que tivera com o sr. Jorge. Disse que este lhe pedira que desmentisse os boatos que corriam a respeito da greve, e que Nhônhô ia abrir a fabrica, aceitando todo o pessoal antigo, mas nas mesmas condições.

Como o Sarno não trazia nenhum escrito, começaram as suspeitas a seu respeito e fizeram-se investigações em tal sentido. A Com. Adm. descobriu algumas coisas, sem dizer nada ao Sarno.

No 1.º de novembro, achámos na caixa uma carta, dirigida ao 1.º secretario, na qual Francisco Sarno dizia que se demitia de socio e recusava o subsidio dado pela sociedade, entregando ao mesmo tempo a lista dos grevistas. Chamado para explicar a causa do seu acto, respondeu que achára trabalho no moinho Materazzo e por isso não queria mais viver á custa da associação. Foi então que um dos membros da Com. Adm. lhe disse:

— Não irás tu trabalhar para a fabrica João Adolfo?...

Deu um pulo na cadeira e respondeu:

— Eu! trabalhar naquella penitenciaria?! Antes queria morrer de fome com a familia.

O domingo passou-o comnosco.

O dia 5 de Novembro

Em frente da fabrica João Adolfo, estavam mais de 40 chapeleiros e outros tantos operarios de outras classes, quando, após dois meses de silencio, se ouviu o roncar da sereia. Entraram quatro crumiros, o maquinista, o foguista, um ajudante do fulão e um rachador de lenha. Os nomes vão noutro logar.

Abusos policiescos

A's 10 h. em ponto estavamos de novo diante da fabrica e eramos o dóbro quando pela segunda vez roncou a sereia da fabrica. Os crumiros não ousaram sair, esperando a protecção da força publica, que, com efeito, apareceu de repente, a correr, na pessoa de 6 soldados e 2 delegados. Os crumiros foram acolhidos com assobios, ouvindo os quaes, os delegados avançaram para o povo e prenderam os companheiros Leopoldo Tarabori, Renato Sodini, Emilio Angelini e Silvestre Augusto Chagas, pensando que aterravam os grevistas.

A's 11 h. menos 10 minutos, era distribuido ao povo, mesmo perto da fabrica, um manifesto sem que a policia soubesse donde saía. Mas o sr. Nhônhô queria que se originasse um conflicto em frente da fabrica. Bem sabemos, talvez melhor que o sr. Nhonhô, que, se a greve é permitida, quem pretender impedir que os crumiros atraiçoem os companheiros, é punido com 3 annos de carcere. Não queremos sujar as mãos sobre aquelles reptis; mas queremos envergonhar os traidores, e a policia não o pode impedir. Em França, fala-se já em impedir legalmente que os crumiros furem uma greve; na republica brasileira, muito democratica, protege-se o traidor.

Durante todo este dia o famigerado Sarno não foi visto entre nós. Veio á noite á assembleia, contando que um secreta lhe dera uma bengalada, o que ninguem acreditou.

Em presença de mais 150 socios, jurou que se deixaria matar antes de trair os seus companeiros. Mais: nessa noite a sociedade aceitoucomo socio o ex-mestre de Sorocaba, e Sarno votou contra, por elle ter feito mal aos companheiros. Este velhaco, que já tinha o seu plano preparado, negava a rehabilitação dum homem. Afinal foi bom que se descobrisse, porque o mal que elle fazia era atribuido a nós.

Este canalha foi trabalhar no dia 10, acompanhado pela policia secreta, que, perto da porta, o fechou num quadrado, pensando que os grevistas o queriam linchar. Não; não vale a pena arriscar nada por causa de tal malandrim. Elle fica bem marcado com a sua classificação de reptil venenoso e velhaco e passador do conto do vigario, porque, além do dinheiro que recebeu para si da Associação, comeu tambem o que era destinado a outros.

Ao entrar, o Sarno foi recebido pelo Nhonhô sob um arco triunfal feito... dos peores insultos. Bem feito. Merecia mais ainda, porque na assembleia geral da sociedade, em presença de 200 socios, chamára *ladrão* a Nhonhô, como podemos testemunhar nós todos. Na festa do salão Germania, Sarno fez um discurso, em que insultou o mais possivel o sr. Nhonhô, o que pode ser confirmado por mais de 400 pessoas. E hoje humilhou-se como um lacaio diante delle. Onde está toda a sua valentia? Não merece senão o desprezo.

Tambem as costureiras de chapeus, Inez e Eride Franceschetti, moradoras na rua 13 de Maio (Bexiga), diziam a um companheiro que, se o Nhonhô reabrisse a fabrica, não se apresentariam a pedir trabalho, porque pagava uma miseria por costurar uma duzia de chapeus, que não precisavam de trabalhar, que se associavam comnosco. Pois bem, na semana passada foram pedir trabalho ao seu algoz: Eride teve serviço e a outra espera o proximo mês.

OS 400 SOCIOS DA UNIÃO DOS CHAPELEIROS *(Secção S. Pauto)*

Eis os nomes dos traidores

Francisco Sarno, aprendiz enformador; *Filomena Sarno*, arcadeira; *Alfredo Morelli* (vulgo *madama*) ajudante do fulão; *Paulo de Brito* (vulgo *caolho)* enformador; *Carlos Wolstein* (vulgo *urso*), oficial de propriagem; *Eusebio Galvão* (vulgo *camelo)*, aprendiz enformador; *Virgilio Vincenzo* (vulgo *artista)*, aprendiz do decatir; *Oscar de Castro* (vulgo *mulata)*, aprendiz enformador; *Benedicto Antonio do Nascimento* (vulgo *quebra-fussa*) oficial de fula; *João Cabula* (vulgo *fazendeiro)*, aprendiz do fulão; *Silverio Alvarenga*, aprendiz engommador; *Antonio Amabile*, aprendiz de lixa; *Lino Diodato* (vulgo *raposa)*, aprendiz enformador, *Eugenio Leite*, aprendiz enformador; *Gregorio Gomes*, aprendiz de fula; *Pedro Romeo* (vulgo *cara de cavallo*) aprendiz de propriagem; *João F. Nery*, aprendiz da sabiosa; *João Cossi* e *Ezequiel Bordini*, aprendizes; *José Venceslau de Barros* (vulgo *capenga)*, lixador; *Gabriel Deillemburgeo*, official de propriagem; *João Rosa* (vulgo *flautista)*, engommador; *Diogo dos Santos*, aprendiz da velutosa; *Margarida Barinotti*, menina que põe lã na «Carda»; *João Jorge*, aprendiz enformador; *Rufino dos Santos*, aprendiz da enformação; *Benedicto Luiz dos Santos*, aprendiz de bruador; *Alfredo Lentisco* (vulgo *charuto*), aprendiz da Sudatriz; *Salvador de tal* (vulgo *urubú)*, aprendiz de rebater pelos; *José Lombardi*, arcador; *José Altobelli*, enformador.

Relação dos subsidios

Aos grevistas da fábrica

JOÃO ADOLPHO SCHRITZMEYER & C.

OUTUBRO DE 1906

Luiz Bolzan	72$000
Gabriel Deillemburgeo T	62$000
Carlos Arminio Blumer	72$000
Augusto Gonçalves	72$000
Victorio Fava	72$000
Alfredo Pardini	57$600
Heitor Persegani	48$000
Alfredo Mauricio	13$000
Benedicto Bento dos Santos	44$000
Carlos Dias	68$000
Guilherme Checchi	72$000
Joaquim Giorgetti	72$000
Bruno Petroni	38$000
Erneeto Ciumei	28$000
João Barbosa	32$000
Salvador Macaluso	46$100
José Wenceslau de Barros T	62$000
Manoel de Freitas	64$000
Isidoro Lima	36$000
Silvestre de Freitas	60$500
José Turola	54$400
Francisco Sarno T	**72$000**
Philomena Sarno T	47$600
Maria Saveria	36$400
Margarida Barinotti, *aprendiz*, T	6$800
Virgilio Vincenzo, *aprendiz*, T	33$200
Hypolito Monteiro da Cruz	68$000
Francisco Matner	43$200
Humberto Genovesi	28$800
Bento Bueno	38$000
Benedicto Luiz dos Santos T	24$000
Olimpia de Toledo	33$600
Luco Iazzetto	28$800
João F. Nery, *aprendiz*, T	28$800
João Cossi, *aprendiz*, T	9$700
Ezequiel Bordini, *aprendiz*, T	28$800
Amadeo Borba	7$000
Nicolau Augello	33$600
João Cabula, *aprendiz*, T	20$400
João Jorge, *aprendiz*, T	19$200
Oscar de Castro *aprendiz*, T	28$800
Rufino dos Santos, *aprendiz*, T	27$200
João Malatesta	12$000

Francisco Martinez	25$600
Cristalino Quedinho	12$000
Miguel Sibantos	28$500
Silverio Alvarenga, *aprendiz*, T	21$600
Luiz Gonzaga de Castro . . .	20$000
Francisco de Pino	7$000
Eugenio Leite, *aprendiz*, T . .	15$000
Phelippe Margaria	23$600
Adolpho Genovesi	16$700
	2.318$400

Os individuos acima marcados com a letra T são os traidores.

José Sibantos, Attilio Scazzola, Francisco Rossi, Faustino Monteiro da Cruz, Andrea Toledo, Diogo dos Santos T, Lino Diodato T, Antonio Amabile T, Manoel Morales, João Deillemburgeo, Gregorio Gomes T e C. Augusto de Oliveira, renunciaram alguns ao subsidio e outros encontraram logo trabalho. Os marcados com a letra T, depois de estarem empregados em outras fabricas, voltaramde novo ás galés do NHONHÔ.

O famigerado *Francisco Sarno*, roubounos mais 30.000 em conta do subsidio de outubro; apropriou-se de 32$600 duma prima delle, Philomena Sarno, e mais 16$600 do companheiro Nicolau Augello.

Benedicto Luiz dos Santos, á ultima hora quiz roubar-nos 25$000 por conta do subsidio de outubro.

MOVIMENTO DOS GREVISTAS NO MÊS DE OUTUBRO

Na primeira semana estiveram parados 41. na segunda, 26, na terceira, 17 e na quarta 15.

MOVIMENTO DE NOVEMBRO

Na primeira semana estiveram parados 14 e na segunda 8.

Os grevistas foram subsidiados á razão de 80 % em conformidade com os seus salarios e nos dias que estiveram parados.

O botequim «Gaiola»

Pomos em guarda a todos os chapeleiros para não se deixarem sugestionar pelos vendidos do sr. *Nhonhô;* estes são: Lourenço de tal; a mulher Angela Maria proprietaria de um sujo botequim sito a Ladeira do Piques N. 15 e o sapateiro e mulher, genro e filha do tal Lourenço. Estes quatro chegaram, á força de mistificações e palavras, a fazer voltar ao trabalho dois pequenos aprendizes enformadores. Não conseguiram o mesmo com o nosso companheiro Nicolau Augello; na Segunda-feira, 1 do corr., entrando de manhã no dito *alçapão* começaram-lhe a encher a cabeça dizendo que a Associação dos Chapeleiros não tinha fundo, que não pagava aos grevistas, que elle era credor de dois ou tres grevistas, mas que não podia venderlhes a estes mais nada «fiado» porque os taes disseram-lhe que a Sociedade não tinha feito pagamento. A mulher do Lourenço, actriz principal deste drama, disse ao Nicolau que Nhonhô trata muito bem aos grevistas que voltaram ao trabalho, tratando com muita delicadeza o famigerado *Francisco Sarno* porque já arranjou dois (?) fulistas e que está procurando outros dois; emfim declarou que estavam já trabalhando na fabrica perto de 80 (?) pessoas e que se quizesse voltar, o fizesse já porque mais tarde não teria mais lugar, outrosim que todos tiveram aumento de ordenado.

A estes carrascos podemos-lhes bater nos narizes com o livro de pagamento feito aos grevistas; não se incomodem estes *patifes* que tambem foram explorados pelo Nhonhô, quando o Lourenço trabalhava na fabrica feito pedreiro e serrador de lenha ganhando o miseravel ordenado de Rs. 3$000 por dia.

Os chapeleiros de consciencia devem *boycottar* este «botequim espia», e não dar-lhe mais um vintem.

Uma bella victoria

Gustavo Hatts, operario da fabrica M. Villela, praticou uma traição, indo trabalhar na fabrica João Adolfo Schritzmeyer. Depois de um ou dois dias de trabalho, como é um operario muito *habil*, o sr. Nhonhô mandou-o embora.

— Que farei agora? pensou o Gustavo. Volto para o logar que deixei na fabrica Villela.

Mas os operarios desta casa, conhecedores do facto, apenas elle entrou para o trabalho, dirigiram-lhe algumas palavras, estigmatizando duramente a sua traição. Produziu-se um conflicto entre Gustavo e seu irmão dum lado e do outro os restantes operarios, que exigiam que os dois fossem expulsos. E assim foi, porque o gerente viu-se obrigado a despedir ambos.

O mesmo acontecerá aos poucos crumiros que estão trabalhando em casa de Nhonhô, se ousarem sequer encostar-se, dizemos *encostar-se*, a qualquer fabrica, grande ou pequena, com evidente intenção de trabalhar.

O primeiro exemplo foi dado pelos companheiros que trabalham na fabrica Villela.

Coragem e avante!

A GREVE

Alguns operarios pensam de bôa fé que a greve é o toque a rebate das reivindicações operarias; mas a greve absoluta é uma chimera. Em todo caso, nem por isso se deve abandonar; venenos ha que servem para medicamentos — o mesmo se diga da greve.

Dado e concedido que resulte victoriosa uma greve, embora cheia de obstaculos como a da fabrica João Adolpho, obstaculos que consistem em poder o patrão conservar fechada durante meses a casa e esperar até certo ponto habilitar novo pessoal entre aprendizes; admitido que, com força de vontade, se chegue a convencer os velhos socios de que o dinheiro social pertence á sociedade, que não deve ser depositado nos institutos burgueses que por sua vez o impregam para a nossa escravidão, emprestando-o aos industriaes; admitido que se consiga convencer a maioria de que a quota duma associação moderna não deve ser fixa, mas abaixada ou elevada segundo as necessidades, as despesas para sustentar uma greve ou para os soccorros mutuos, fazendo nós assim consistir a solidariedade, não na caixa, mas na vontade, na simpatia, que em cada caso a maioria sente; — pois bem, tendo a fortuna de levar a associação a estas beneficas reformas, ella não estaria ainda no caminho justo e digno de homens que se respeitam, pois que, embora com tal metodo se conseguisse que o operario fosse mais bem pago, este seria sempre um empregado, um salariado, um escravo, gordo mas escravo.

Eu pergunto-vos, companheiros, á vós, jovens, que abandonais um pouco de recreio depois das dez horas fatigantes de trabalho, para ir á séde social ouvir ou dar um parecer ou informação, a vós, que, fazendo assim, mostrais que não sois brutos alcoolizados; a vós que, para uma greve, dais com entusiasmo a porcentagem de 3 % sobre o vosso magro salario, privando de sapatinhos os vossos filhinhos ou reduzindo o almoço a fruta, pergunto-vos, digo: se tendes esta virtude por uma *chimera*, porque não a podeis ter afim de pagar uma percentagem, a mais elevada possivel, com o escopo de fundar uma fabrica social?...

Faltam-vos porventura as faculdades tecnicas?... Ora! Fixai bem de frente os vossos patrões, e convencer-vos-eis de que, mesmo a este respeito, a vós devem as suas riquezas, a vós, que vos perdeis em bizantinismos, a vós, que, duma greve a outra, arruinais a vossa saude e não podeis educar os vossos filhos.

Vêdes-vos substituidos por alguns rapazes arrancados ás fazendas, aos quaes, se é certo que têm direito á vida, não podemos reconhecer o direito de prejudicar o velho operario em vantagem total do patrão.

Não sois educados na sociabilidade necessaria para manter uma obra social?... Mas quem o diz? Os nossos patrões, os imbecis que sem patrão não sabem viver, e os velhacos, aquelles operarios *em cujas veias corre sangue burguês e que desaconselham a fabrica social, porque sabem que, mais tarde ou mais cedo e de qualquer modo, elles se tornarão patrões e vos calcarão aos pés, esfomeando-vos.*

Companheiros, escutai um vosso amigo velho, pagai uma quota, o mais possivel, que seja *reembolsavel;* formai um capital que sirva para dar trabalho a seis pessoas. E a obra seguirá com este trabalho e as quotas, que deixaremos de pagar, quando a fabrica social tiver uma importancia que sirva ao bem total da nossa classe.

Esta, companheiros, querendo ficar na luta entre capital e trabalho, sem choques violentos, é a unica saída, porque dá ao operario uma certa emancipação em frente do patrão e fornece-lhe meios economicos para se instruir e para se livrar da escravidão politica e religiosa.

***

Os revolucionarios

Revolucionarios são chamados aquelles trabalhadores que entendem dever reclamar os seus direitos, não só para si como para a massa, para todos. Um grevista é um generoso, um operario que sabe desde o principio que tudo o que é concedido elle não gozará, porque ao capitalista ficam sempre muitos meios para as suas vinganças particulares. Portanto, são revolucionarios mas por uma excessiva bondade de coração.

Do "CAPPELLAIO„ de Monza

Deste jornal tiramos a relação da convenção discutida com a firma Borsalino e Irmão, em Alessandria, Italia.

Se não fosse um trabalho tão colossal para a modestia do nosso jornal, publica-la-iamos na integra, mas, por falta de espaço, tiramos-lhe os pontos mais salientes, convidando os jovens chapeleiros a lerem por inteiro aquella convenção em beneficio de sua educação proletaria.

A federação estipulou que a casa não poderá ocupar meninos de idade inferior a quinze annos e que os primeiros seis mezes de serviço não devem ser pagos a menos de cincoenta centesimos por dia; depois da nove meses, tres quartos da diaria de um operario adulto.

Todas as seções desta grande fabrica são classificadas das fulas para a *nutria*, que é á mão, á *sodatrici*, da *tornura* á mão, á machina ao fabricador das caixas de papelão tudo é classificado parte por obra (*cottimo*), parte por dia, mas todos são pagos de forma que um homem não ganhe menos de 3 liras por dia, (horario de 10 horas) até o carroceiro, o operario das *folle* americanas ganham 57 centesimos por hora no trabalho, de *ingomatura molli*, fulas *messere* (metade á mão e metade á maquina).

Alinhavamento, deslanagem, «alarga teste e cupolino», «sbrigagio» 52 centesimos por hora.

Pelotaggio, prega, duros, á maquina, *bridaggio*, duros, á maquina — 60 centesimos por hora. Fula á mão, enformatura em negro de primeira, enformatura em negro de segunda, *spianaggio*, *sabiosa*, *bridaggio*, moles, refinatura, ripolitura, catrame, prega; lisciatura, prega, ritocatura, 65 centesimos por hora.

E como dissemos acima, não podemos continuar devido á falta de espaço, passando a fazer as nossas considerações:

Que diferença entre esta fabrica mundial, que não tem a menos tratar sobre tarifas com seus operarios, e o sr. João Adolfo que ha dois meses está firme por repugnancia em tratar um pacto humano com os trabalhadores. E que diferença moral e material existe entre esta fabrica e a do Borsalino?

Mas os companheiros que estão empenhados nesta luta ha dois meses não percam a coragem, pois, a classe dos trabalhadores chapeleiros de S. Paulo comprende que com a solidariedade tudo se pode obter, e tambem o sr. J. Adolfo acabará por convencer-se que a gente que trabalha tem as mesmas necessidades e os mesmos direitos de toda a humanidade e que o reino do chicote já se acabou.

Pelas costureiras

E absolutamente necessario que as costureiras pertençam ao nosso gremio, afim de que em caso de luta sejam solidarias conosco. E isto será tanto mais vantajoso porque na associação se habituarão a conviver conosco e a interessar-se pelas nossas lutas, adquirindo ao mesmo tempo os conhecimentos necessarios para a vida social.

Tendo em conta a condição moral em que é tida a mulher, é conveniente que todos os socios procurem fazer nas fabricas uma propaganda oral contante, para as convencer que devem estar ao nosso lado na defesa dos nossos comuns intereses.

É preciso não esquecer, companheiros, que a mulher desempenha um papel importante na educação das crianças. Assim como os padres de todas as religiões valenm-se della para manter a humanidade no oscurantismo, nós devemos cuidar de cultivar a sua inteligencia afim de que nos preste o seu valoroso concurso para a causa humanitaria a que nos dedicamos.

Associação de Classe Protectora dos Chapeleiros do Rio

Aos companheiros da União dos Chapeleiros de S. Paulo.

Levamos ao vosso conhecimento que em Assembleia geral do dia 1º. de Julho proximo findo foi eleito e empossado no dia 15 do mesmo mez o Directorio composto dos companheiros abaixo descriptos, para assumir a administração da nossa Associação no periodo de 1906 a 1907.

1º. Secretario (recleito), Antonio Lopes Pires; Thesoureiro (reeleito), José Fernandes Franqueira. Conselho: — Carlos Weddigem, José Ferreira da Silva Bastos, Antonio José da Costa, José Rodrigues da Silva, José Sarmento Marques, Cretencio da Silva, Augusto Gonçalves de Souza, José Cassal y Martinez e Raphael du Pin Calmon.

Companheiros, o presente Directorio em nome da nossa Associação, desejando manter sempre os laços de sincera amizade e solidariedade que sempre nos uniram, vos dá o seu franco e leal apôio na justa e santa causa em que vos achais empenhados, na luta gloriosa que travastes com o Capital em defesa dos vossos direitos que são os nossos tambem.

Avante, companheiros, nada de esmorecimento e contai com a nossa solidariedade; se houver união e todos comprehenderem a ardua tarefa que devem desempenhar, o vosso algoz da Ladeira do Piques não levará avante o seu infame e odioso capricho. O nosso maior desejo, companheiros, é que sejais victoriosos nessa campanha para não dar gosto a esses vis e infames usurpadores da nossa liberdade e dos nossos direitos.

Esperamos pormenores, e ainda mais uma vêz protestamos a nossa sincera estima e solidariedade e fazem os votos pela vossa victoria e pelo engrandecimento da nossa coirmã de que sois tão dignos representantes.

União, Paz e Justiça.

Secretaria da Associação de Classe Protectora dos Chapeleiros. Rua de S. José N. 116.

Rio de Janeiro 8 de Outubro de 1906.

Pelo Directorio eleito
O Correspondente Internacional
OTHON DE CASTRO

O QUE NÃO FIZERAM OS BARBAROS FEZ PAPAI BARBERINI

Um operario que por algum tempo ocupou o cargo de mestre na fabrica de chapeus de Sorocaba, encontrando-se desocupado procurou serviço na fabrica Villela, aqui em S. Paulo, mas operarios que ali trabalham sabendo que o mesmo teve uma pessima conducta para com os seus subalternos; na manhã em que se apresentou para o trabalho retiraram-se em massa e declararam ao gerente que não trabalhariam em companhia daquelle canalha.

O patrão, diante de tão energico protesto, abaixou a cabeça e incorrecto e todo o pessoal voltou ao trabalho.

O soberbo operario dirigiu-se então á sociedade para pedir desculpas e, humilde, pedir para ser inscrito como socio. A assembleia, composta de operarios sempre prontos a perdoar, inscrevou-o no livro dos socios, prometendo que não o incomodará mais. Mas, apresentaudo-se de novo ao gerente da fabrica lhe foi dito que para elle não havia mais trabalho.

Vale mais a solidariedade entre os operarios que os beneficios do patrão.

Com estes perdões, daqui a pouco teremos formado uma associação de «krumiros». Esperamos que seja o ultimo.

De outra forma, onde iremos acabar?

N. da R.

Notas

Historico

Eis um, entre os muitos factos desenrolados na fabrica do sr. João Adolpho:

Um menino de sete annos de idade, vencido pela fadiga, descançava deitado no chão, quando aparece o sr. «Nhônhô» e a elle se dirigiu com as seguintes textuaes palavras: «Você, menino, está dando prejuizo á casa».

O menino ganhava 500 reis por mez.

Incoherencias

Devendo o operario ou operaria do nosso oficio pertencer como socio á nossa União, o seu primeiro dever é pagar a sua quota.

— Em que condições se acha um socio que deve pagar a sua quota, dois terços da qual são destinados á caixa de S. M., se este socio sofre de molestia cronica? Se fôr aceito será justo que o operario assuma a responsabilidade para taes socorros? Se não fôr aceito como poderá trabalhar se não fôr socio?

Dividindo a quota.

Pela tatica

Se a *União dos Chapeleiros* é de S. M. e de resistencia, como poderão fazer parte della os patrões e os mestres, seus *achegados*?

E' necessario excluir aquelles que ainda existem, não admitindo os mais.

Se os trabalhadores chapeleiros viram que são capazes de pagar a porcentagem para um subsidio aos grevistas da fabrica do sr. J. Adolpho, que admitindo-se a sua victoria não deixarão de ser escravos um pouco mais bem pagos, porque não estabelecem uma porcentagem destinada a crear um fundo de caixa para a montagem de uma fabrica, de um estabelecimento social? Falta a educação social? Defendamo-nos com os factos e o futuro será nosso.

Pequena correspondencia

Paris. — *Espanet.* Prière d'envoyer le compte-rendu du Congrès en Allemagne, et aussi de nous dire si le télégramme est arrivé à temps. Nous te prions d'envoyer des circulaires en Allemagne, en Autriche et en Italie afin que les camarades ne viennent pas à San-Paulo, les ouvriers de la fabrique João Adolpho Schritzmeyer étant en grève. Salutations fraternelles.

Buenos Aires. — *Compañeros.* Enviad canje. La fábrica João Adolfo Schritzmeyer es boicotada. Os pedimos informaciones sobre Nicola Iazzetta y Nicola Panica. Salud.

Rio de Janeiro. — Recebemos correspondencias regulares. Ninguem venha trabalhar na fabrica João Adolpho, em greve. Saudações fraternaes.

Sorocaba. — Aceitamos o vosso pedido. Coragem! Obrigados. Não vos movais.

Piracicaba. — Esperamos a vossa correspondencia.

S. Paulo. — P. F. Tomamos nota, quanto á fabrica Bosisio & Filho. — G. D. Quanto ao socio expulso, não podemos publicar a carta relativa á casa Evangelista Cervone & Irmão por falta de espaço.

Monza. — Federazione Italiana. Da molto tempo non riceviamo piú il «Cappellaio. Scriveteci, dateci notizie del movimento di costà. Saluti fraterni.

Os patrões das fabricas não devem obrigar os operarios a trabalhar ao domingo; do contrario estes ver-se-ão forçados a reagir.

ÁS SECÇÕES INTERNACIONAES

Por motivos de força maior, interrompemos a publicação do nosso jornal, porém, a comissão tomou as devidas precauções para que d'ora avante não seja mais interrompida a saída desta publicação tão necessaria á nossa classe.

Pedimos aos jornaes que permutavam conosco que continuem a nos enviar as suas publicações que tão necessarias nos são para a propaganda das nossas aspirações.

Entradas das porcentagens

DO MEZ DE SETEMBRO

E. Cervone e Irmão, lista n.1 .	87$600
Manoel Villela, listas n. 2 e 2 A	257$300
Matanò, S. e C.ª, listas n. 3 e 3 A	64$100
J. Bosisio e filho, lista n. 4 .	49$100
D. Ramenzoni e Irmão, lista n. 5	111$200
N. Ferrante e filho, lista n. 6 .	33$900
R. Chiaverini, lista n. 7 . . .	29$500
Francisco Ganci, lista n. 8 .	21$100
F. Ciarlo e filho, lista n. 9 . .	9$000
C. Risaliti e G. Monnosi, lista n. 10	41$100
J. Murcia, lista avulsa	7$000
Costureiras da fab. Vil.ª l. avulsa	2$000
Séde Social, lista n. 11 . . .	25$600
Total	738$500

DO MEZ DE OUTUBRO

E. Cervone e Irmão, lista n. 1	71$500
Manoel Villela, lista n. 2 e 2 A	176$500
M. Sericchio e C.ª, listas n. 3 e 3 A	79$200
J. Bosisio e filho, lista n. 4 . .	50$300
D. Ramenzoni e Ir. lista n. 5 .	105$600
N. Ferrante e filho, lista n. 6 .	38$000
R. Chiaverini, lista n. 7 . . .	32$000
Francisco Ganci, lista n. 8 . .	41$000
C. Ciarlo e filho, lista n. 9 . .	12$000
G. Risaliti e G. Monnosi, l. n. 10	59$800
José Murcia, lista n. 11 . . .	10$500
D. Aldrighetti, lista n. 12 . .	5$800
Pinto e Villela, lista n. 14 . .	11$000
Antonio Martin, lista n. 15 . .	8$200
As Costureiras da fabrica Cervone. lista n. 18	2$000
Os empregados do Depesito da fabrica Villela, lista n. 19 . .	3$000
Séde Social. lista n. 20 . . .	6$900
Total até o dia 20	713$300

Ainda ha algumas quantias por receber.

A lista n. 16 da fabrica Biagioni está em branco (não funcionando ainda) e a n. 17 das costureiras de Villela. Faltam entrar: a lista n. 13 da fabrica João Sangiorgi, as da Federação Operaria e as do Rio de Janeiro.

Dos companheiros de Sorocaba recebemos 48.000 reis e 13.000 dos de Piracicaba.